O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 15 | Nº 45 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8371462

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

O DISCURSO NEGACIONISTA NO DESGOVERNO BOLSONARO COMO "INFLUENCIADOR" DA MORTALIDADE PELA COVID-19: UM PARALELO ENTRE A BIOPOLÍTICA E A NECROPOLÍTICA

Adriano Menino de Macêdo Júnior[1]

Helena Perpétua de Aguiar Ferreira[2]

Leonardo José Barreira Danziato[3]

Alessandra Gurgel Câmara[4]

Thallyson Fellype Rangel Soares[5]

Resumo

O tema central deste estudo reside na análise do impacto dos discursos negacionistas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro sobre os alarmantes índices de mortalidade relacionados à COVID-19 no Brasil. Essa abordagem conduz a uma reflexão sobre a política da morte, em contraste com a filosofia do biopoder, que busca promover o bem-estar e a vida. Diante disso, este artigo tem como propósito analisar os discursos e práticas de Bolsonaro, sobre a pandemia da COVID-19 e seus desdobramentos no comportamento da população e nos casos de óbitos tiveram um papel influente nos expressivos incrementos das fatalidades durante o intervalo de 2020 a 2021. O presente estudo adotou como método científico a Análise do discurso, abordando essa prática a partir dos conceitos de Foucault; o trabalho também contou com o método da cartográfica (discursos coletados a partir de uma coletânea do Jornal PODER360), combinando abordagens quantitativas (contagem de óbitos coletados do Painel Coronavírus, com ênfase na média móvel dos casos definidas por lacunas de tempo entre os discursos) e qualitativas (a partir do diálogo com outros teóricos). O recorte temporal do corpus se estende do primeiro semestre de 2020 até o segundo semestre de 2021, proporcionando uma visão abrangente das interações entre os discursos presidenciais e os desdobramentos da pandemia. Como resultados e desfecho da presente pesquisa, conseguimos a partir do referencial teórico e dos diálogos com outros teóricos, o discurso negacionista proferido pelo ex-Presidente Bolsonaro, com sua política de morte ou deixar morrer, desempenhou um papel crucial como uma variante influenciadora no expressivo quantitativo de mortes durante a pandemia da COVID-19 no Brasil.

Palavras-chave: COVID-19; Discurso; Necropolítica; Negacionismo.

Abstract

The central theme of this study lies in the analysis of the impact of former president Jair Messias Bolsonaro's denialist speeches on the alarming mortality rates related to COVID-19 in Brazil. This approach leads to a reflection on the politics of death, in contrast to the philosophy of biopower, which seeks to promote well-being and life. In view of this, this article aims to analyze Bolsonaro's speeches and practices, regarding the COVID-19 pandemic and its consequences on the population's behavior and cases of deaths, which played an influential role in the significant increases in fatalities during the period from 2020 to 2021. The present study adopted Discourse Analysis as a scientific method, approaching this practice based on Foucault's concepts; the work also used the cartographic method (speeches collected from a collection of the Poder360 newspaper), combining quantitative approaches (count of deaths collected from the Coronavirus Panel, with emphasis on the moving average of cases defined by time gaps between speeches) and qualitative (based on dialogue with other theorists). The corpus' time frame extends from the first half of 2020 to the second half of 2021, providing a comprehensive view of the interactions between presidential speeches and the developments of the pandemic. As results and outcome of this research, we obtained, from the theoretical framework and dialogues with other theorists, the denialist speech given by former President Bolsonaro, with his policy of death or letting die, played a crucial role as an influencing variant in the significant number of deaths during the COVID-19 pandemic in Brazil.

Keywords: COVID-19; Denialism; Necropolitics; Speech.

[1] Graduando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: adrianomenino2016@gmail.com

[2] Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Psicologia. E-mail: helenaaguiar@uern.br

[3] Professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Doutor em Sociologia. E-mail: leonardodanziato@unifor.br

[4] Enfermeira. Especialista em Enfermagem Obstétrica. E-mail: alessandra.gurgel@ebserh.gov.br

[5] Enfermeiro. Especialista em Gestão de Saúde. E-mail: thallysonrangel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O tema central deste estudo reside na análise do impacto dos discursos negacionistas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro sobre os alarmantes índices de mortalidade relacionados à COVID-19 no Brasil. Essa abordagem conduz a uma reflexão sobre a política da morte, em contraste com a filosofia do biopoder, que busca promover o bem-estar e a vida.

Ademais, surge a seguinte problemática: Como o discurso do então presidente Jair Messias Bolsonaro pode ter *influenciado* para os acentuados aumentos de casos de COVID-19 no período de 2020 a 2021, e de que maneira essa influência pode ter impactado as estratégias de controle da pandemia, o comportamento da população e a propagação do vírus no cenário brasileiro? Essa questão norteadora visa explorar de forma aprofundada as possíveis relações entre o discurso presidencial e os desdobramentos da pandemia no Brasil, permitindo uma análise crítica e embasada sobre o papel da liderança política em uma crise de saúde pública. A resposta a essa problemática pode contribuir para aprimorar o entendimento das dinâmicas sociais e políticas em meio a uma pandemia, além de fornecer subsídios para políticas mais efetivas e abordagens mais coerentes para o enfrentamento de futuras emergências de saúde.

Diante da problemática apresentada, a justificativa para esta pesquisa reside na necessidade de compreender a polarização em relação às medidas de combate à pandemia, exacerbada pelo discurso negacionista do ex-presidente, e seu impacto na adesão da população a essas medidas. Este estudo busca desvendar como o discurso de um líder político influente pode moldar significativamente a resposta da sociedade a uma crise de saúde pública. O papel de um chefe de Estado na formação de opiniões e comportamentos da sociedade é um aspecto de importância crítica que merece uma análise aprofundada, especialmente quando se trata de questões relacionadas à saúde e à vida dos cidadãos. Compreender como as palavras de um líder podem ter contribuído para aumentos discrepantes nos casos de COVID-19 é fundamental para o desenvolvimento de políticas mais eficazes e para preparar sociedades para futuras emergências de saúde.

Diante disso, este artigo tem como propósito analisar os discursos do ex-presidente Bolsonaro sobre a pandemia da COVID-19 e como eles tiveram um papel influente nos expressivos incrementos das fatalidades durante o intervalo de 2020 a 2021. O estudo busca investigar como suas declarações e posturas em relação à pandemia podem ter impactado nas medidas de controle, comportamentos da população e na disseminação do vírus, contribuindo para a compreensão dos desdobramentos dessa influência no contexto brasileiro durante esse período crítico da crise de saúde pública.

Para entender como o discurso negacionista do ex-presidente afetou as altas taxas de mortalidade por COVID-19, adotamos o método da cartografia para analisar suas declarações do 1º semestre de 2020

ao 2º semestre de 2021. Como base teórica, utilizamos *A Ordem do Discurso* e a teoria da *Necropolítica*. A Ordem do Discurso ajudou a compreender como o discurso é estruturado e influencia comportamentos no meio social, enquanto a teoria da Necropolítica explicou como decisões políticas podem afetar diretamente a vida e a morte. Isso nos permitiu examinar as estratégias discursivas do ex-presidente e seu impacto na resposta à pandemia, correlacionando-os com o aumento das mortes por COVID-19 no Brasil. Esses recortes metodológicos e teóricos serão discutidos nas seções e subseções do tópico 4, com desfechos no tópico 5: Considerações finais.

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 E SEU IMPACTO NO DESENROLAR DA PANDEMIA DE COVID-19

A eleição presidencial de 2018 no Brasil marcou um momento significativo na história política do país, sendo realizada em dois turnos. O primeiro turno ocorreu em 7 de outubro de 2018, e o segundo em 28 de outubro de 2018, ambos realizados em um domingo, seguindo o cronograma eleitoral estabelecido. Esta foi a oitava eleição presidencial desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, um marco importante para a democracia brasileira. A disputa eleitoral concentrou-se em dois candidatos proeminentes: Fernando Haddad, representando o Partido dos Trabalhadores (PT), e Jair Bolsonaro, que concorreu pelo Partido Social Liberal (PSL), posteriormente rebatizado como União Brasil. Em uma eleição acirrada, Jair Bolsonaro emergiu como o vencedor, assegurando o posto de presidente do país.

Em 1º de janeiro de 2019, o candidato eleito, juntamente com seu vice, tomou posse em uma cerimônia que marcou o início de um mandato de quatro anos. A expectativa da população estava voltada para as promessas e projetos apresentados durante a campanha eleitoral, na esperança de um governo que abordasse os desafios e aspirações nacionais. Essa eleição foi acompanhada de perto pelos brasileiros e pelo mundo, devido à importância do Brasil no cenário internacional e à diversidade de questões políticas e sociais em jogo. O resultado da votação teve um impacto significativo nas políticas e decisões governamentais subsequentes, moldando o rumo do país nos anos seguintes. Com efeito, a eleição presidencial de 2018 no Brasil foi um evento histórico que marcou a continuação do processo democrático e a transferência de poder para um novo líder, cujas ações e políticas iriam moldar o curso do país ao longo do seu mandato de quatro anos.

Paralelo a esse evento eleitoral, em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu um alerta sobre diversos casos de pneumonia em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China. Esses casos estavam relacionados a uma variante inédita de coronavírus,

até então desconhecida em seres humanos. Pouco depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram a existência dessa nova cepa do coronavírus. Os coronavírus são uma ampla família de vírus que se encontram distribuídos por diversas regiões. Historicamente, eles têm sido a segunda causa mais comum do resfriado comum, ficando atrás apenas dos rinovírus. Até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos além do resfriado comum (ABRANTES, 2020; NASCIMENTO; PACHECO, 2020).

Contudo, essa nova variante identificada em Wuhan gerou preocupação entre especialistas e autoridades de saúde devido à sua rápida disseminação e aos sintomas mais graves que alguns pacientes apresentavam. Isso impulsionou uma resposta global coordenada de cientistas, pesquisadores e organizações de saúde para aprofundar o entendimento desse novo coronavírus e desenvolver estratégias eficazes de contenção (ABRANTES, 2020; NASCIMENTO; PACHECO, 2020).

Vale ressaltar que até o momento foram identificados sete coronavírus humanos (HCoVs), a saber: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-CoV (causador da síndrome respiratória aguda grave), MERS-CoV (causador da síndrome respiratória do Oriente Médio) e, mais recentemente, o novo coronavírus (inicialmente temporariamente nomeado como 2019-nCoV, e posteriormente, em 11 de fevereiro de 2020, designado como SARS-CoV-2). Este novo coronavírus, SARS-CoV-2, é o responsável pela doença conhecida como COVID-19 (ABRANTES, 2020; NASCIMENTO; PACHECO, 2020).

O SARS-CoV-2 pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido por infectar seres humanos. Sua identificação inicial ocorreu em dezembro de 2019, quando amostras de lavado broncoalveolar foram coletadas de pacientes com pneumonia de origem desconhecida. Desde então, tem sido objeto de ampla pesquisa global. Essa nova cepa, o SARS-CoV-2, é altamente transmissível entre humanos e desencadeou uma pandemia global, resultando em medidas de saúde pública sem precedentes em todo o mundo (BRASIL, 2023). Desde a sua identificação, a COVID-19 tem se propagado globalmente, tornando-se uma pandemia de proporções significativas e levando a esforços globais para controlar a disseminação do vírus e mitigar seus impactos na saúde pública (MACEDO JÚNIOR, 2020; MACEDO JÚNIOR *et al*., 2021; OPAS, 2023; BRASIL, 2023; ABRANTES, 2020; NASCIMENTO; PACHECO, 2020).

Com o efeito, a preocupação com a alta morbimortalidade da COVID-19 levou a OMS a decretar uma pandemia global em 11 de março de 2020 (MACÊDO JÚNIOR, 2020; MACÊDO JÚNIOR et al., 2021; ABRANTES, 2020; NASCIMENTO; PACHECO, 2020). Diante do desafio do alto contágio do coronavírus, diferentes países adotaram estratégias variadas, com muitos seguindo as diretrizes da OMS. No entanto, o Brasil apresentou um cenário controverso, principalmente devido às práticas e

posicionamentos do então presidente da república, Bolsonaro (HUR, CAMESELLE, ALZATE, 2021). O presidente adotou um discurso polêmico, minimizando os riscos da pandemia e se posicionando contra o isolamento social, defendendo a retomada completa das atividades. Suas declarações e ações geraram repercussões significativas, e a partir do meio do mês de maio/2020, o país alcançou a segunda posição no número de mortes por COVID-19, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América. A postura controversa do governo brasileiro em relação à pandemia teve um impacto significativo na resposta à crise de saúde, refletindo-se nos números crescentes de casos e óbitos (HUR, CAMESELLE, ALZATE, 2021).

O DISCURSO DE ÓDIO NO MULTIVERSO BOLSONARISTA

O ex-presidente Bolsonaro fez muitas declarações que ilustram como o discurso de um líder político pode influenciar a sociedade. O presente estudo se baseou em uma análise abrangente, reunindo autores com diferentes perspectivas sobre as declarações de ódio feitas por Bolsonaro. Os estudos de Münchow (2020), paralelo ao nosso objeto, sugere que Bolsonaro personifica a dinâmica da paranoia anti-homossexual, o que não implica que ele seja homossexual, mas sim que sua retórica alimenta uma interpretação distorcida do desejo da homossexualidade na sociedade. Essa paranoia anti-homossexual vê uma suposta conspiração homossexual ameaçando a ordem estabelecida. O fato de Bolsonaro ter conquistado 57,7 milhões de votos mostra como seu discurso da paranoia anti-homossexual ressoa com parte da sociedade. Isso não é apenas uma questão individual, mas sim toda a sociedade reagindo de forma paranoica à suposta ameaça à sexualização de seus valores (MÜNCHOW, 2020).

A sociedade defende-se contra a dessublimação da homossexualidade, refletindo essa tentativa de proteger normas e valores tradicionais contra o que é percebido como uma ameaça à ordem. A paranoia anti-homossexual interpreta distorcida e frequentemente identifica o desejo homossexual em todos os lugares. Por exemplo, o filho do ex-presidente, Carlos Bolsonaro, tuitou em 29 de junho de 2011, o seguinte discurso: “Atenção Boiolas, p/ infelicidade de vocês, eu sou hetero!”. Durante uma reunião ministerial, o ex-presidente também declarou: “os caras querem é a nossa hemorroida”. Outras declarações segregadoras incluíram: “eu prefiro um filho morto a um filho homossexual”; “Bolsonaro até supõe quantos dias um rapaz pode passar dormindo na mesma barraca que um recruta homossexual sem tornar-se homossexual, cinco dias” (MÜNCHOW, 2020, p. 122). Esses exemplos destacam os elementos essenciais da paranoia anti-homossexual, manifestando-se através de discursos impróprios, como a sexualização dos homossexuais e o medo de serem penetrados (MÜNCHOW, 2020).

Portanto, a pesquisa de Münchow (2020) explora como os discursos de Bolsonaro, e dos seus aliados, *influenciam* o pensamento coletivo refletido pelo poder exercido de um chefe de estado, na formação de opiniões e comportamentos sociais, mesmo quando esse discurso é marcado por elementos de paranoia e distorção. Outro estudo alinhado às nossas perspectivas, bem como às de Münchow (2020), é o de Oliveira, Castro e Santos (2023). Eles exploraram a charge como documento a partir da perspectiva neodocumentalista, examinando os impactos sociais, econômicos e políticos na realidade brasileira, particularmente nas declarações do ex-Presidente relacionadas à COVID-19. Oliveira, Castro e Santos (2023, p. 14-29) analisaram essas declarações, identificando pontos-chaves que tornaram as falas de Bolsonaro alvo de sátira nas mãos dos chargistas. Isso evidenciou suas relações de poder, como apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 - Relações de poder entre o discurso negacionista do ex-presidente Bolsonaro e a oposição crítica e satírica dos chargistas

Relações de Poder		
Discurso negacionista do ex-presidente Relações de Poder Bolsonaro		Relações de poder: oposições dos chargistas
1°	"Obviamente temos um momento de crise, pequena crise, no meu entender, muito mais fantasia, a questão do coronavirus, que não é isso tudo que a grande midia propala ou propaga pelo mundo todo"	
2°	"A fantasia que a midia propaga"	
3°	"Não sou coveiro, tá?"	
4°	"Fim do isolamento"	
5°	"E dai? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre"	
6°	"eu sou Messias, mas não faço milagre"	
7°	"O mundo busca um tratamento para a doença. O FDA Americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido noticias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil."	

Fonte: Oliveira, Castro e Santos (2023).

No 1º discurso de Bolsonaro, uma charge é usada como meio de expressão, onde a interpretação depende do conhecimento do leitor sobre a situação da pandemia e as declarações do presidente. No 2º discurso, a charge destaca detalhes para contextualizar a fala de Bolsonaro, especialmente quando ele menciona "a fantasia que a mídia propaga." A divergência com o ex-Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, também é relevante, já que ele estava ciente das consequências da pandemia. No 3º discurso, Bolsonaro responde de forma incisiva a um repórter sobre o número de mortes relacionadas ao coronavírus. Essa declaração gera grande repercussão na mídia. Na 4ª charge, Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal, mostra a Bolsonaro os números de mortes, refletindo a realidade do aumento de casos no Brasil. No 5º discurso, Bolsonaro responde com indiferença ao fato do Brasil ultrapassar a China em mortes por COVID-19, gerando críticas e charges satíricas. No 6º discurso, elementos como a faixa presidencial e a imagem caricata de Sigmund Freud são usados em uma charge para criticar Bolsonaro (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2023, p. 14-29).

No 7º discurso, Bolsonaro defende os medicamentos "hidroxicloroquina" e "cloroquina" contra o coronavírus, mesmo sem comprovação de eficácia. Ele destaca a investigação do FDA dos EUA e do Hospital Albert Einstein, o que gera apoio de seus seguidores (OLIVEIRA; CASTRO; SANTOS, 2023, p. 14-29). Diante disso, os estudos de Münchow (2020), e dos pesquisadores Oliveira, Castro e Santos (2023) abordam a interação entre o discurso do ex-presidente Bolsonaro e a situação da pandemia de COVID-19 no Brasil, que é o cerne temático desta pesquisa. Os textos examinam como os discursos de Bolsonaro foram acompanhadas por uma série de reações, incluindo, declarações, charges, reportagens nos principais jornais brasileiros, afim de estabelecer relações de poder. Isso sugere que o discurso político, em particular o discurso negacionista, desempenhou um papel importante na narrativa pública em torno da pandemia.

AS VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS *INFLUENCIADORAS* NOS PERFIS EPIDEMIOLÓGICOS DE DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS

Compreender os dados sociodemográficos desempenha um papel fundamental na elaboração de perfis epidemiológicos de doenças infectocontagiosas, destacando variáveis como faixa etária, sexo, etnia, zona de residência e grau de escolaridade. A faixa etária é um dos fatores mais importantes, pois muitas doenças afetam grupos etários de maneira desigual, orientando programas de vacinação e medidas de prevenção específicas. O sexo desempenha um papel relevante, pois algumas doenças podem ter maior incidência em homens ou mulheres devido a diferenças biológicas e comportamentais, exigindo estratégias personalizadas.

A variável étnica é crucial para identificar disparidades em saúde, considerando riscos relacionados à genética, acesso a cuidados de saúde e condições socioeconômicas, visando à equidade em saúde. A zona de residência afeta o acesso a serviços de saúde e a exposição a ambientes específicos, identificando áreas de maior risco e direcionando recursos adequadamente. O grau de escolaridade está relacionado ao acesso a informações de saúde e práticas preventivas, sendo essencial para entender comportamentos de diferentes grupos. A condição socioeconômica, como renda e emprego, influencia a exposição a riscos e o acesso a cuidados de saúde, sendo importante para entender as causas das disparidades em saúde.

Essas variáveis são discutidas qualitativamente a nível internacional, como é o caso dos estudos de Dospital, Arancibia-Avila, Araneda-Flores (2023) e Medina-Alfonso, Forero-Pulido, Suescún-Carrero (2020). E a nível nacional, a discursão qualitativa das referidas variáveis estão presentes nos estudos dos pensadores Belone, Von-Barten, Rabelo, Soares, Torigoe, Macêdo Júnior (BELONE *et al*., 2023; VON-BARTEN *et al*., 2023; RABELO, SOARES, TORIGOE 2023; MACÊDO JÚNIOR *et al*., 2021).

Além dessas variáveis sociodemográficas, é imperativo reconhecer que o discurso negacionista de um chefe de estado pode também ser uma variável influenciadora nos desfechos de doenças infectocontagiosas, como propomos em nossa *tese*. As declarações e posturas dessas autoridades políticas podem desencadear impactos significativos nos comportamentos da população, influenciando a adesão às medidas preventivas, a disseminação do vírus e, consequentemente, a configuração dos perfis epidemiológicos. Quando líderes políticos minimizam a gravidade de uma pandemia, promovem tratamentos não comprovados cientificamente ou questionam a eficácia das medidas de saúde pública, podem contribuir para a disseminação acelerada da doença e para um aumento desproporcional de casos e óbitos, especialmente em grupos vulneráveis. Portanto, a análise dessas variáveis, em conjunto com a influência do discurso negacionista, é essencial para uma compreensão completa dos desdobramentos de doenças infecciosas na sociedade e para embasar estratégias de saúde pública eficazes.

METODOLOGIA

O método discursivo

Este estudo propõe uma metodologia fundamentada nas teorias de Michel Foucault e Achille Mbembe, com o intuito de analisar de maneira aprofundada a influência do discurso do ex-presidente Bolsonaro nos notáveis aumentos de mortes por COVID-19 no período entre 2020 e 2021. A teoria

emerge como uma valiosa caixa de ferramentas intelectuais (FOUCAULT; DELEUZE, 1979), meticulosamente construída para ampliar a compreensão e a interpretação do objeto em foco. Seu propósito fundamental é desvelar camadas mais profundas de significado e oferecer perspectivas enriquecedoras sobre o tema de investigação.

Em *A arqueologia do Saber*, de Michel Foucault (2005), a análise arqueológica, que busca desenterrar as formações discursivas subjacentes, e a genealogia, que traça as linhas de desenvolvimento histórico e as relações de poder, fornecem um quadro conceitual sólido para explorar a interseção entre o discurso presidencial e os desdobramentos da pandemia. A arqueogenealogia permite uma análise cuidadosa das práticas discursivas, revelando como os enunciados do ex-presidente são enraizados em estruturas de poder e como eles moldam as representações sociais em uma crise de saúde pública. Foucault (2005, p. 23 a 34), afirma:

> Mas, sobretudo, as unidades que é preciso deixar em suspenso são as que se impõem da maneira mais imediata: as do livro e da obra. [...] Trata-se de um domínio imenso, mas que se pode definir: é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um. [...] A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado. [...] Eis o terceiro interesse de tal descrição dos fatos de discurso: libertando-os de todos os grupamentos considerados como unidades naturais, imediatas e universais, temos a possibilidade de descrever outras unidades, mas, dessa vez, por um conjunto de decisões controladas.

Frente ao exposto, surge a importância de questionar e transcender as categorias convencionais como “obra” e “livro”, apontando a necessidade de examinar os enunciados em suas manifestações singulares. É relevante enfatizar a concepção de abordar o campo discursivo como um conjunto de enunciados concretos, levando em conta a singularidade de cada um e a ampla gama de acontecimentos abrangidos. Destaca-se a abordagem de analisar o campo discursivo, direcionando a atenção para a singularidade individual de cada enunciado, suas condições de existência e suas interconexões. Adicionalmente, ressalta-se a viabilidade de delineamento de outras unidades discursivas, viabilizada pela liberação das amarras das categorias tradicionais, por meio de decisões embasadas e criteriosas (FOUCAULT, 2005).

O discurso não apenas facilita o acesso aos atores sociais, mas também vai além da mera representação da realidade. Foucault (2005) destaca que o discurso não se limita à estrutura semântica, mas age como uma máquina que influencia relações de saber, poder e subjetividade. Através da enunciação, são criados, produzidos e legitimados objetos sociais, lugares e realidades, agenciando

processos de conhecimento, verdades e modos de subjetivação. As práticas discursivas desempenham um papel crucial na formação de posições sociais e de enunciação.

Assim, alicerçada na perspectiva de Foucault, a análise discursiva empreendida nesse estudo buscará identificar os dispositivos de poder embutidos nas manifestações públicas do ex-presidente Bolsonaro em relação à pandemia. Isso envolve desvelar as estratégias de governança, a construção de narrativas e o estabelecimento de regimes de verdade presentes no seu discurso, sobretudo no que tange à crise de saúde pública, essas categorias de analises serão enquadradas dentro da *A Ordem do Discurso* (2006).

> A palavra de ordem é, em si mesma, redundância do ato e do enunciado. Os jornais, as notícias, procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é 'necessário' pensar, reter, esperar, etc. A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas, o que é bastante diferente, transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a um outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12).

Diante do disso, o texto destaca que a palavra de ordem é uma redundância que expressa ato e enunciado. Jornais e notícias também operam por redundância ao influenciar o pensamento e as expectativas. A linguagem não apenas informa, mas transmite palavras de ordem, seja entre enunciados ou dentro deles. Cada enunciado realiza um ato, e o ato se concretiza no enunciado. Adicionalmente, a abordagem da arqueologia do discurso, inspirada em Foucault, será empregada para traçar a evolução histórica do discurso presidencial em relação à pandemia e como ele influenciou a população a negligencias a pandemia, aspecto esses refletidos nos elevados números de mortes.

De forma convergente, psicólogos sociais construcionistas espanhóis destacam que o discurso não apenas reflete, mas constrói e elabora a própria realidade (CABRUJA *et al*., 2000). Eles enfatizam não apenas a função semântica, mas também a função pragmática da linguagem. Íñiguez (2012) reforça que falar não é apenas expressar significados, mas também realizar ações, como promessas. Assim, a enunciação não é meramente representação da realidade, mas uma ação social que constrói realidades, conforme ressaltado por Baremblitt (2002), o caráter pragmático não apenas representa, mas dramatiza, agencia e coloca a realidade em jogo. Portanto, os discursos do ex-presidente veiculados pela mídia não apenas refletem, mas efetivamente produzem realidades, regimes de verdade e palavras de ordem.

Complementando essa perspectiva, a influência da necropolítica e biopolítica, conforme explorada por Mbembe (2018), em "NECROPOLÍTICA: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte", será examinada para compreender como o discurso do ex-presidente Bolsonaro influenciou as práticas de controle da pandemia. Serão analisadas as escolhas de alocação de recursos

médicos, bem como as medidas de isolamento social, e como essas decisões foram moldadas pela influência discursiva.

Além disso, a pesquisa se dedicará a avaliar os efeitos da influência do discurso presidencial nos consideráveis aumentos de mortes por COVID-19, buscando identificar padrões e correlações, ler tópico 3.3. Entendemos que o discurso não se origina de maneira individual, mas sim coletiva, surgindo a partir de uma posição social-histórica específica de enunciação, ou seja, por meio de colaborações coletivas na enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Nesse sentido, desempenha um papel na construção da realidade nas interações coletivas. As narrativas midiáticas exercem efeitos pragmáticos ao coordenar ações e contextos sociais, além de gerar estruturas de poder e controle. Elas estão intrinsecamente vinculadas tanto à ação quanto à elaboração, enunciação ou representação de relatos e histórias. As narrativas, enquanto ações sociais, produzem eventos objetivos e estabelecem regimes de verdade (CABRUJA *et al*., 2000). Assim, o discurso possui uma dimensão performativa e gera efeitos pragmáticos na construção da realidade.

Em todo o processo, será mantida uma atenção rigorosa às considerações éticas. A análise do discurso público será conduzida de maneira sensível e responsável, reconhecendo as implicações éticas de examinar a retórica presidencial em um contexto de crise global de saúde. Ao adotar uma abordagem metodológica enraizada nas perspectivas de Foucault e Mbembe, este estudo aspira a uma contribuição substancial para a compreensão dos impactos do discurso político na resposta à pandemia de COVID-19. A análises dos discursos do ex-presidente Bolsonaro oferecerão uma avaliação crítica das implicações de sua retórica nos aumentos de mortes por COVID-19, nas estratégias de controle da pandemia, no comportamento da população e na propagação do vírus no contexto brasileiro.

Explorando o Discurso na Abordagem de Foucault: Reflexões sobre Poder, Conhecimento e Subjetividade

As obras de Foucault (1996) proporcionaram subsídios fundamentais para a análise do discurso negacionista adotado pelo ex-Presidente Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19, assumindo, dessa forma, a perspectiva teórica da obra *A Ordem do Discurso* como nossa metodologia científica. Essa abordagem teórica enriqueceu nossa compreensão da formação, circulação e impacto do discurso controverso na sociedade contemporânea. A metodologia aqui propõe uma investigação crítica das práticas discursivas em relação ao poder, ao saber e ao controle social. Nesse contexto, nossa pesquisa visou identificar os mecanismos de legitimação e propagação do discurso negacionista, examinando sua

configuração como uma formação discursiva específica e compreendendo suas interações com outros discursos no contexto social vigente.

Com base nos métodos científicos, delimitamos o objeto de estudo desta pesquisa: o discurso negacionista do ex-presidente Bolsonaro como um influenciador nos altos índices de mortalidade. A coleta de dados consistiu em selecionar 27 discursos proferidos pelo presidente durante a pandemia, extraídos de uma coletânea do Jornal digital Poder360, resultando na compilação intitulada: "2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre a pandemia."

Para manter nosso recorte sincrônico, embasado em uma das dicotomias de Ferdinand Saussure, limitamos nossa análise aos discursos proferidos por Bolsonaro nos anos de 2020 e 2021, excluindo, assim, os discursos de 2022 do presente estudo. Antes de prosseguirmos, é essencial conceituar o discurso de acordo com a definição de Foucault. Ao refletir sobre as suas contribuições no campo da Análise do Discurso, Fernandes (2012) destaca que desde suas primeiras pesquisas na década de 1960, percebeu-se o interesse do pensador em analisar o discurso como objeto de estudo. Em suas pesquisas, Foucault desenvolveu três "campos" metodológicos: arqueologia, genealogia e ética. O eixo do saber, presente em suas obras de arqueologia, aborda discussões sobre o conhecimento. O eixo do poder está articulado às reflexões da genealogia, enquanto o eixo do sujeito está inserido no campo da ética, focado no cuidado de si. A noção do discurso como objeto surge inicialmente na tese de doutoramento de Foucault, que resultou no livro *A História da Loucura* (1961), onde o autor analisa a formação e as transformações do conceito de loucura e a construção discursiva em torno do louco.

Em obras posteriores, como *O Nascimento da Clínica* (1963), Foucault dedica-se à análise da formação da medicina. Em *As Palavras e as Coisas* (1966), o autor destaca os discursos relacionados às epistemes. Em *Arqueologia do Saber* (1969), Foucault se coloca como um *arqueólogo escavador de discursos*, conforme mencionado por Fernandes (2012, p. 13).

Foucault, influenciado pela leitura de Nietzsche, incorpora em suas pesquisas os princípios da arqueologia, genealogia e das tecnologias do eu (SILVA; MACHADO JÚNIOR, 2014). Segundo Fernandes (2012), os trabalhos de Foucault revelam como os objetos do discurso ocupam um lugar na história, passando por constantes formações e transformações, permeados por descontinuidades dentro do contexto histórico que os sustenta. As obras de Foucault, conforme destacado por Silva e Machado Júnior (2014), abordam diversas temáticas, como a formação dos saberes, os discursos de verdade, as relações de poder, a construção da subjetividade e o autogoverno. Ao tomar o discurso como objeto de estudo, Foucault visa refletir sobre a constituição do sujeito e os complexos elementos descontínuos presentes na história, levantando questões para diferentes epistemologias (SILVEIRA, 2005, p. 13).

Seus trabalhos demonstram como os objetos construídos a partir dos discursos estão em constante processo de formação e transformação, marcados pela descontinuidade.

Considerando que Foucault toma os discursos como objetos de análise, é essencial compreender sua concepção sobre o que constitui um discurso. Para Foucault, o discurso é uma reverberação da verdade que emerge diante do próprio sujeito. São enunciados que existem materialmente, podendo ser escritos ou pronunciados, e adquirem o status de princípios aceitáveis de comportamento, representando uma verdade (SILVA; MACHADO JÚNIOR, 2014). Ademais, o discurso pode ser visto como um conjunto de regras anônimas e históricas, sempre determinadas no tempo e espaço, que definem em uma determinada época e área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições para o exercício da função enunciativa (AZEVEDO, 2013, p. 156). Sob essa perspectiva, as práticas discursivas atuam como elo entre os discursos (enunciações) e as práticas sociais dos sujeitos. Foucault (1996) ressalta que os discursos devem ser percebidos como práticas descontínuas, ora se cruzando, ora se ignorando ou excluindo. Além disso, as imagens também desempenham um papel tanto na materialização dos discursos quanto nos mecanismos de produção e funcionamento dos mesmos.

É importante destacar que, na perspectiva de Foucault, a própria noção de discurso é um acontecimento histórico. Todo discurso verdadeiro possui um polo de produção, pois, como enfatiza Foucault (1996), a produção discursiva não ocorre de forma aleatória, mas sim atende aos interesses das instâncias e das relações de poder que o geram. Por ser um acontecimento, o discurso não é imaterial; ele se materializa nas práticas sociais dos sujeitos e tem efeitos sobre eles. As noções propostas por Foucault para compreender os discursos não se baseiam na continuidade ou na consciência do signo ou da estrutura. Pelo contrário, elas se fundamentam na consciência do acontecimento, entendido como cortes que fragmentam o instante e dispersam o sujeito em um conjunto de posições e funções possíveis dentro da série (SILVA; MACHADO JÚNIOR, 2014). Foucault articula sua análise dos discursos por meio desse conjunto de noções, como:

> [...] regularidade, a causalidade, descontinuidade, dependência, transformação; é por um tal conjunto que esta análise dos discursos sobre a qual estou pensando se articula, não certamente com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda como a história "viva", mas com o trabalho efetivo dos historiadores (FOUCAULT, 1996, p. 53-54).

Como mencionado anteriormente, Foucault nos alerta para perceber os discursos como séries distintas de acontecimentos, o que nos permite incorporar o acaso, o descontínuo e a materialidade no âmago da análise do discurso. Dentre os três princípios de análise do discurso propostos por Foucault, o terceiro é possivelmente o mais complexo, pois diz respeito à compreensão de como os discursos se materializam através das práticas sociais dos sujeitos. A abordagem foucaultiana dos discursos está

relacionada à articulação entre pensamento, discurso e ação, o que nos possibilita entender a definição do pensador de que os discursos são acontecimentos históricos.

Ao refletir sobre o discurso em Foucault, Fischer (2001) aponta que a análise do discurso, de acordo com o pensador, dispensa a busca por significados fixos ou um conjunto de signos que se referem a conteúdos determinados. A autora enfatiza que é preciso percebê-los dentro da complexidade em que estão envolvidos. Fischer (2001) argumenta que a

> [...] primeira tarefa para se chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que [...] nos faz olhar os discursos, apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto [...] distorcido, intencionalmente [...] (FISCHER, 2001, p. 198).

Isso implica que, de acordo com a autora, a análise dos discursos deve ser capaz de revelar as relações históricas e as práticas concretas que estão presentes nesses discursos, que são vivos e atuantes.

Em *A Ordem do Discurso* (1996), Foucault apresenta uma série de mecanismos que visam controlar a produção dos discursos na(s) sociedade(s). Nessas sociedades, a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por meio de procedimentos que buscam conjurar seus poderes e perigos, dominar sua natureza aleatória e evitar sua materialidade pesada e temível (FOUCAULT, 1996, p. 9). Com essa afirmação, Foucault demonstra que os discursos são produzidos e controlados por aqueles que detêm autoridade para fazê-lo. Além disso, podem ser entendidos como práticas discursivas determinadas pelo status do sujeito que fala, considerando os lugares sociais que ocupa durante a fala.

Conforme esclarece Fernandes (2012), o discurso em Foucault é visto como um conjunto de enunciados que estão intrincados com o poder, permeando todas as relações entre os sujeitos. O discurso está envolto em relações de saber e poder. O filósofo também enfatiza que as restrições que cercam a produção dos discursos denotam sua ligação com o poder e o desejo. O discurso em Foucault (1996, p. 8) é entendido como algo destinado a desaparecer em um momento que não cabe a nós decidir. Ele se refere a um processo diário, entrelaçado com poderes e, ao mesmo tempo, perigos por vezes inimagináveis, pressupondo lutas, vitórias, ferimentos, dominações e servidões, expressos por meio de palavras cujo uso há muito tempo amenizou suas asperezas.

O pensador questiona como um discurso emergiu em um momento específico e não em outro, pois, de acordo com Foucault (1995), os discursos devem ser compreendidos em seus processos histórico-sociais de formação, revelando-se através de uma série de acontecimentos discursivos. Ao analista do discurso cabe entender a produção discursiva como um elemento intrinsecamente ligado à História, conforme nos alerta Fernandes (2012, p. 20) ao afirmar que a produção do discurso é compreendida por meio de um olhar para a história, considerando os aspectos históricos e sociais que

envolvem sua criação. O mesmo autor enfatiza a importância de compreender a singularidade da existência do enunciado e suas condições de produção. Dessa forma, busca-se verificar, a partir do enunciado produzido em determinada época e lugar, as condições que possibilitaram a emergência do discurso ao qual esses enunciados pertencem. Isso significa que as transformações históricas permitem a compreensão da produção do discurso, sua manifestação em momentos específicos e sua disseminação (FERNANDES, 2012, p. 20).

No entanto, o autor adverte que os discursos não devem ser considerados como realidades físicas, embora se materializem nas práticas sociais dos sujeitos. Pelo contrário, eles devem ser percebidos como objetos imaginários, sendo assim intrinsecamente "sócio-históricos".

Assim, o presente estudo concentrou-se nas categorias de análise das relações de poder, interdição, separação/rejeição, vontades de verdade, disciplina, presentes nos discursos negacionistas do governo Bolsonaro, do primeiro semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2021, fundamentados na obra *A Ordem do Discurso* de Foucault (1996); outra categoria de analise explorada foi a soberania e disciplina dos discursos proferidos no segundo semestre de 2021, calcados qualitativamente na *Microfísica do Poder* (2023), de Foucault. Em seguida, foi realizada uma análise das médias móveis e discrepâncias dos casos de COVID-19, ilustrados nos gráficos 1, 2 e 3, com o objetivo de comprovar a *tese* de que a ordem do discurso político negacionista do ex-presidente Bolsonaro influenciou diretamente na falta de rigor e eficácia no combate à pandemia do novo coronavírus.

Prosseguindo, conduzimos uma discussão fundamentada no teórico Achille Mbembe, com o objetivo de sustentar que o discurso negacionista estava mais alinhado com uma política de morte do que uma política de vida como proposta na obra *Nascimento da Biopolítica* de Foucault (2008). Essa análise se respaldou e corroborou os dados estatísticos apresentados nos gráficos 1, 2 e 3. Durante a análise dos discursos cartografados no recorte sincrônico foi possível observar que, consistentemente, após cada discurso negacionista do então Presidente Bolsonaro, o número de óbitos pela COVID-19 mais que dobrava, ultrapassando o período de incubação do vírus. O período médio de incubação do coronavírus é de 5 dias, podendo chegar a até 12 dias, que é o intervalo em que os primeiros sintomas levam para aparecer após a infecção (MACEDO JÚNIOR, 2020; MACEDO JÚNIOR *et al*., 2021). Essas análises estatísticas serão mais discutidas na próxima seção.

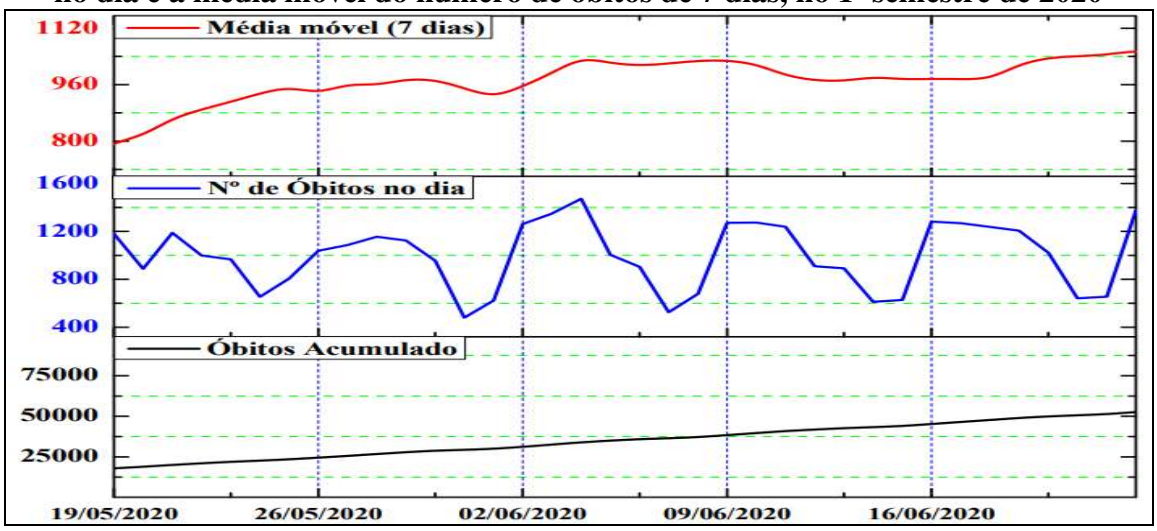
Análise Estatística: Desvendando Padrões e Tendências Relevantes

Os procedimentos de análises adotados englobam a elaboração de uma cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010; ROLNIK, 1989) abrangendo as declarações e posicionamentos do ex-

presidente Bolsonaro, discursos esses coletados a partir de uma coletânea do Jornal Poder360. Estes foram amplamente difundidos pela mídia desde o marco inicial em 26 de fevereiro de 2020, quando o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado no Brasil, até o segundo semestre de 2021, período em que o país lamentavelmente registrou um total de 618.392 óbitos decorrentes da COVID-19. O escopo desta análise reside na identificação das funções pragmáticas, performativas e ilocutórias intrínsecas ao discurso presidencial. Particular ênfase é atribuída à transmutação retórica dessas palavras em "palavras de ordem", as quais possuem o potencial de direcionar comportamentos e atitudes da população em conformidade com a perspectiva Foucaultiana (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Inicialmente, foram elaborados gráficos que apresentam o número acumulado de óbitos, dados coletados diretamente do Painel Coronavírus, o número diário de óbitos e a média móvel do número de óbitos em um período de 7 dias. A média móvel é um indicador estatístico fundamental utilizado na análise de dados e séries temporais. Essa abordagem é empregada para atenuar flutuações abruptas nos dados, facilitando a identificação de tendências ao longo do tempo. Seu emprego é amplamente difundido na área de epidemiologia. Reconhecendo a possibilidade de variações diárias nos números de óbitos, a média móvel desempenha um papel crucial ao suavizar tais oscilações, conferindo uma compreensão mais clara das tendências contínuas.

Gráfico 1 - Número de óbitos acumulado, número de óbitos no dia e a média móvel do número de óbitos de 7 dias, no 1º semestre de 2020

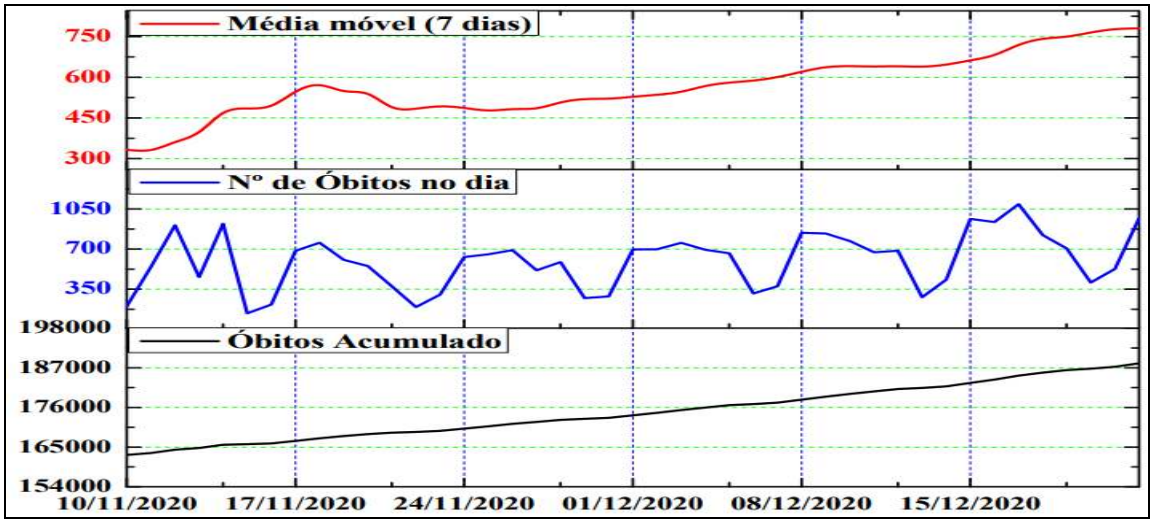


Fonte: Elaboração próprias.

No gráfico 1, na seção dedicada à média móvel, é claramente evidenciado um aumento de 242 óbitos diários. Esse incremento transcorreu do patamar de 796 óbitos diários no dia 19 de maio de 2020 para 1.038 óbitos no dia 04 de junho de 2020, um período de 16 dias após a declaração do ex-presidente que abordou o trocadilho entre "Cloroquina" e "Tubaína". Essa média móvel manteve-se praticamente

estável nos dias subsequentes, apresentando poucas variações. Quando uma média móvel apresenta esse tipo de aumento, sugere-se um crescimento acelerado no número de óbitos, frequentemente atribuído a um fator externo. Com esta análise dos dados, a interconexão entre o aumento de óbitos e as declarações presidenciais assumem maior clareza, ressaltando a relevância do discurso de Bolsonaro nos desdobramentos dos casos de óbitos no país, no primeiro semestre de 2021.

Gráfico 2 - Número de óbitos acumulado, número de óbitos no dia e a média móvel do número de óbitos de 7 dias no 2º semestre de 2020



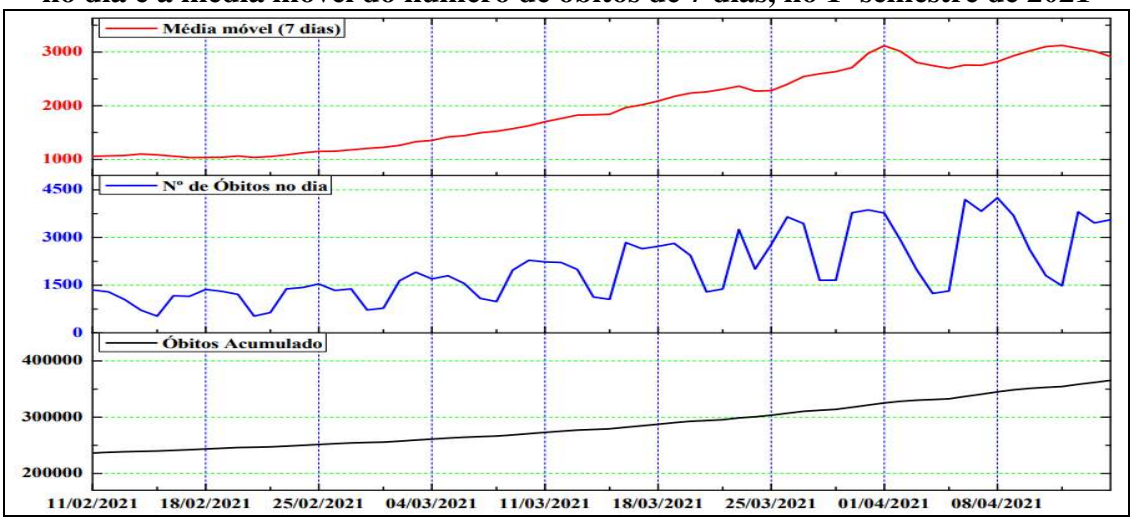
Fonte: Elaboração próprias.

No período subsequente da análise, o Brasil ainda se via confrontado com os complexos desafios decorrentes da pandemia de COVID-19. Nesse contexto, o país já havia atravessado diversas etapas desde o início da crise sanitária. No mês de novembro de 2020, o território nacional permanecia imerso na luta contra a propagação do vírus, cujo impacto reverberava em variados âmbitos da sociedade brasileira. É digno de destaque que tal período se caracterizou por intensos debates acerca da eficácia de distintas estratégias no enfrentamento da pandemia.

Ao observar o gráfico contendo os dados da média móvel, emerge uma notável ascensão no número de óbitos. Inicialmente, partindo de 333 óbitos diários no dia 10 de novembro de 2020, o índice alcançou 583 óbitos no dia 18 de novembro de 2020, traduzindo um aumento expressivo de 250 óbitos diários em um intervalo de somente 8 dias após o discurso presidencial "País de maricas". Entretanto, apesar de uma breve redução subsequente, a média de óbitos retomou sua trajetória ascendente, culminando em 783 no dia 22 de dezembro de 2020. Tal progressão resultou em um incremento global de 450 óbitos diários. Cabe ressaltar que novamente, no dia 17 de dezembro de 2020, o ex-presidente manifestou um discurso negligente em relação à pandemia, declarando: "Se tomar a vacina e virar um jacaré, não tenho nenhuma responsabilidade nisso." Após essa análise dos dados, torna-se ainda mais

evidente a correlação entre as manifestações presidenciais e as oscilações nos índices de óbitos, enfatizando o impacto do discurso presidencial de Bolsonaro na evolução dos números de mortes durante o período analisado.

Gráfico 3 - Número de óbitos acumulado, número de óbitos no dia e a média móvel do número de óbitos de 7 dias, no 1º semestre de 2021



Fonte: Elaboração próprias.

No intervalo de tempo delineado no gráfico 3, emergem duas datas de notável relevância: 11 de fevereiro de 2021 e 04 de março de 2021. Em um lapso inferior a 30 dias, surgem três discursos do presidente que abordam a pandemia de forma controversa e incisiva: “O cara que entra na pilha da vacina é um idiota”, “Vai comprar vacina. Só se for na casa da sua mãe” e “Chega de frescura e mimi”. Este período coincide com o mais acentuado aumento na média móvel do número de óbitos, transmutando de 1.058 óbitos para 3.117 óbitos, traduzindo um aumento de 2.059 óbitos.

O incremento de 2.059 óbitos na média móvel de falecimentos pode ser atribuído a uma trama intrincada de fatores interconectados, característica de situações complexas como aquela vivenciada durante a pandemia. Diversos elementos podem estar imbricados nesse aumento substancial. A propagação de variantes mais contagiosas ou letais do vírus, por exemplo, pode contribuir para um aumento abrupto nas fatalidades. A sobrecarga dos sistemas de saúde, decorrente da quantidade elevada de casos, pode gerar escassez de recursos médicos, equipamentos e profissionais, o que por sua vez resultaria em um aumento nos óbitos.

Ao se atentar para os gráficos destacados como “A”, “B” e “C”, nos quais é evidenciada a média móvel do número de óbitos para os três discursos, torna-se patente um padrão comum: em todos os três gráficos, observa-se uma ascensão gradual da média móvel ao longo dos dias. Tal evidência ressalta de forma inequívoca que ações ou fatores externos estavam exercendo influência direta no incremento das

mortes. Nesse contexto, a análise aprofundada dos dados realça a interconexão intrínseca entre as declarações do presidente e a trajetória ascendente dos óbitos, conferindo maior clareza à relação entre o discurso do ex-presidente Bolsonaro e a evolução dos números de mortes durante o período investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise comparativa: o discurso de Bolsonaro à luz da *a ordem do discurso* de Foucault e outros teóricos

Há exatamente 2 anos, o Brasil confirmava seu primeiro caso de COVID-19, seguido pela primeira morte relacionada à doença apenas algumas semanas depois, em 17 de março de 2020. Desde então, infelizmente, temos registrado um total de 704.659 vidas perdidas devido à doença (BRASIL, 2023). Ao longo da pandemia, o Poder360 compilou uma retrospectiva das declarações de Jair Bolsonaro. Durante esse período, o ex-presidente referiu-se à doença como uma gripezinha, recusou-se a ser chamado de coveiro, defendeu o uso de medicamentos sem eficácia comprovada contra a COVID-19 e criticou as vacinas contra a infecção.

Neste primeiro estágio, optamos por analisar os discursos realizados pelo ex-presidente durante o primeiro semestre de 2020. Nosso objetivo é examinar essas falas à luz das teorias de Foucault presentes em *A Ordem do Discurso*, especialmente nas categorias que abordam as relações de relações de poder, separação/rejeição e a interdição, disciplina. Por meio dessa abordagem discursiva, buscaremos compreender como o chefe de Estado pode ter disseminado sua política de morte através do seu discurso, o que encontramos respaldo nos dados estatísticos apresentados no gráfico 1, 2 e 3, e na discussão a partir da *Necropolítica* de Achille Mbembe, a seguir.

Quadro 2 - Discursos negacionistas do ex-presidente sobre a pandemia no 1º semestre de 2020

Relações de Poder
9 de março de 2020 – "Superdimensionado" – 0 mortes
"Está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas", disse o presidente durante viagem aos Estados Unidos.
20 de março – "Gripezinha" – 11 mortes
Presidente afirmou que não seria uma "gripezinha" que o derrubaria depois de ter sido esfaqueado em 2018. Também usou o termo em pronunciamento no dia 24 de março.
26 de março – "Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada" – 77 mortes
Bolsonaro disse que o brasileiro precisa ser "estudado" porque é capaz de pular "no esgoto" sem que nada aconteça com ele. Deu a declaração ao ser indagado se o Brasil não chegaria à situação dos Estados Unidos, que na época somava 82 mil casos da doença.

Fonte: Poder360 (2022).

Analisando os discursos do ex-Presidente Bolsonaro em relação à pandemia do novo Coronavírus, percebe-se uma progressiva negligência e minimização dos reais impactos da doença, possivelmente influenciando a resposta à pandemia no Brasil. Conforme os discursos avançam, os quantitativos de mortes relacionadas à COVID-19 aumentam exponencialmente, sugerindo uma possível relação entre suas declarações e a evolução da crise sanitária. Assim, Foucault (1996) declara:

> (...) Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Dada a afirmativa de Foucault, durante a pandemia, a "produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída": na pandemia da COVID-19, o discurso oficial e a informação sobre a infecção são controlados pelo governo e suas agências de saúde. Como presidente, Bolsonaro ocupa uma posição de poder que lhe permite influenciar a produção e disseminação do discurso relacionado à crise. E esse poder que o ex-presidente Bolsonaro detinha, Mbembe (2018, p. 9) explica:

> Essa leitura fortemente normativa da política de soberania foi objeto de inúmeras críticas, que não revisitarei aqui. Minha preocupação é com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações

Nesse trecho, Mbembe aponta para formas de soberania que envolvem a destruição de corpos humanos e populações, indo além do conceito normativo de democracia. Isso pode ser relacionado o nosso objetivo geral de demonstrar como o discurso do ex-presidente Bolsonaro influenciou os aumentos de óbitos por COVID-19. No discurso de 9 de março de 2020, Bolsonaro afirma que o poder destruidor do vírus está sendo superdimensionado e sugere que questões econômicas podem influenciar essa percepção. Essa postura de subestimação dos riscos da pandemia pode ter levado a medidas de contenção menos rigorosas e falta de engajamento nas ações de prevenção. Ao minimizar a gravidade da pandemia e subestimar o poder do vírus, Bolsonaro tentou controlar o discurso da medicina, conjurando seus poderes e perigos, dominando seu acontecimento aleatório (FOUCAULT, 1996), para que se alinhe com seus interesses políticos.

Já no discurso de 20 de março de 2020, com o registro de 11 mortes no Brasil, Bolsonaro utiliza o termo "gripezinha" para se referir à COVID-19, reforçando a minimização da gravidade da doença. Essa atitude pode influenciar negativamente a percepção da população, levando a um comportamento menos cauteloso e aderência reduzida às medidas de proteção recomendadas pelas autoridades de saúde.

Ao desacreditar a gravidade da pandemia e promover tratamentos sem eficácia comprovada, Bolsonaro evitou o discurso das ações e medidas mais rigorosas, esquivando-se sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996), que seriam necessárias para lidar com as consequências na saúde pública, possivelmente motivado por questões políticas ou econômicas. Como fomenta Foucault (1996, p. 7):

> (...) E a instituição responde: (...) estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que a muito tempo se cuida de sua aparição que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém (FOUCAULT, 1996, p. 7).

A citação de Foucault sugere que o poder de controle sobre o discurso está nas mãos das instituições e daqueles que o produzem. O trabalho se Silva (2022, p. 61), *Bolsonaro e as mentiras sobre o coronavírus*, corroboram com nossas afirmativas, quando afirmam que no dia 21 de março, Bolsonaro decidiu ampliar a produção de cloroquina, medicamento usado para tratar a COVID-19. Isso contrariava a recomendação da Anvisa, que não apoiava o uso do fármaco. Bolsonaro minimizou repetidamente a pandemia, chamando-a de "gripezinha" e influenciou apoiadores, como Luciano Hang e Junior Durski, a não seguir medidas de segurança. Enquanto isso, o Ministério da Saúde demonstrou inércia na resposta à pandemia, possivelmente devido a cortes de cargos e verbas relacionados à saúde e pesquisa. A desinformação se espalhou, incluindo o uso de substâncias não comprovadas, como a cloroquina, como tratamento. Uma campanha de esclarecimento foi necessária, mas o governo interditou o discurso da saúde pública, e não promoveu. A revogação da EC 95 era crucial para garantir recursos para educação, saúde e pesquisa. Silva (2002) destaca a influência de Bolsonaro e a desinformação na resposta à pandemia, enfatizando a necessidade de medidas emergenciais, como a revogação da EC 95, para enfrentar a crise.

Em 26 de março de 2020, com 77 mortes registradas, Bolsonaro faz uma comparação inadequada entre os brasileiros e a situação nos Estados Unidos. Ao sugerir que o brasileiro é capaz de pular em esgotos sem sofrer consequências, ele descredita os riscos da COVID-19 e contribui para uma atitude menos preocupada da população em relação à pandemia. Mbembe (2018, p. 10) atenta para a política de morte presente no governo Bolsonaro:

> Sustentar o trabalho da morte é precisamente como Hegel define a vida do espírito. A vida do espírito, ele diz, não é aquela vida que tem medo da morte e se poupa da destruição, mas aquela que pressupõe a morte e vive com isso. O espírito só alcança sua verdade quando descobre em si o desmembramento absoluto.

Esse fragmento relaciona a ideia de morte com o exercício do poder e da soberania, sugerindo que o enfrentamento da morte pode ser visto como uma forma de exercício de poder absoluto. Sendo

relevante ao argumentar como o discurso do ex-presidente Bolsonaro pode ter influenciado a abordagem do governo diante da pandemia. Considerando as Relações de poder podemos analisar a maneira como Bolsonaro, como figura política influente, ocupando o *status* de presidente do Brasil, utiliza a linguagem para moldar a percepção pública da pandemia e da infecção. Ele exerce seu poder através do discurso, minimizando a gravidade da situação, questionando as informações oficiais e promovendo uma visão que se alinha com seu jogo político. Foucault (1996) argumenta que o discurso não é somente uma forma de expressar ideias, mas também uma ferramenta de poder que molda e controla a realidade. Bolsonaro, ao adotar uma postura negligente em relação à pandemia e usando enunciados como superdimensionado, gripezinha e brasileiro pula em esgoto, constrói uma narrativa que atende a seus propósitos, mesmo que isso vá contra as informações e orientações das autoridades de saúde.

Essa manipulação discursiva pode influenciar a percepção da gravidade da pandemia pela população, levando a uma resposta insuficiente do governo e da sociedade em relação às medidas de prevenção e controle. O aumento exponencial das mortes após esses discursos suscita questionamentos sobre se a falta de ações efetivas e a disseminação de informações questionáveis contribuíram para a evolução da crise no país.

Os próximos discursos a serem analisados, podem ser configurados na categoria de análise da interdição proposta por Foucault (1996):

> Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Quadro 3 - Discursos negacionistas do ex-presidente sobre a pandemia no 1º semestre de 2020

20 de abril – "Eu não sou coveiro" – 2.584 mortes
O chefe do Executivo se negou a responder pergunta de jornalista sobre quantidade mortos por Covid-19 no Brasil: "Eu não sou coveiro", afirmou.
28 de abril – "E daí, lamento. Quer que eu faça o que?" – 5.050 mortes
Presidente sobre o recorde de mortes por covid da época: 5.017 o número total de óbitos provocadas pela doença naquele mês. "E daí, lamento. Quer que eu faça o que? Sou Messias, mas não faço milagre", disse.

Fonte: Poder360 (2022).

Assim, em 20 de abril de 2020, Bolsonaro pronunciou um discurso em que ironizou perguntas sobre o número de mortes por COVID-19 no Brasil, afirmando que não era coveiro. Essa declaração pode ser interpretada como uma forma de negar a responsabilidade e minimizar a gravidade da situação, interditando o debate sobre a pandemia e evitando lidar com as consequências dos óbitos em grande quantidade. No discurso de 28 de abril de 2020, já com 5.050 mortes registradas, Bolsonaro novamente

minimizou as consequências da pandemia e interditou o discurso da medicina e da saúde pública sobre ações mais efetivas de enfrentamento da crise. Ao afirmar que não era capaz de evitar as mortes, ele se afastou de qualquer responsabilidade sobre os acontecimentos.

Essas interdições presentes nos discursos de Bolsonaro podem estar relacionadas à sua forma de controlar o discurso público sobre a pandemia. Ao ironizar e minimizar os óbitos, ele desencoraja o debate sobre a gravidade da crise sanitária e evita questionamentos sobre suas ações e políticas em relação à pandemia. Isso pode ter influenciado a percepção pública sobre a gravidade da COVID-19 e dificultado a adoção de medidas mais efetivas para conter a propagação do vírus. Os dados numéricos mostram que, à medida que os discursos avançam, os casos de mortes continuam a aumentar exponencialmente. Isso sugere que a abordagem negligente e irônica de Bolsonaro pode ter contribuído para uma resposta insuficiente à pandemia e, consequentemente, para o aumento do número de óbitos no Brasil. A soberania do então presidente Bolsonaro se destaca como um modelo de morte:

> O mundo da soberania, Bataille argumenta, "é o mundo no qual o limite da morte foi abandonado. A morte está presente nele, sua presença define esse mundo de violência, mas, enquanto a morte está presente, está sempre lá apenas para ser negada, nunca para nada além disso. O soberano", conclui, "é ele quem é, como se a morte não fosse... Não respeita os limites de identidade mais do que respeita os da morte, ou, ainda, esses limites são os mesmos; ele é a transgressão de todos esses limites" (MBEMBE, 2018, p. 7 a 24).

Esse fragmento aborda a ideia de soberania como uma negação da morte e dos limites impostos pelas proibições, o que pode ser relacionado à abordagem política do ex-presidente Bolsonaro em relação à pandemia e aos cuidados de saúde.

Quadro 4 -Discursos negacionistas do ex-presidente sobre a pandemia no 1º semestre de 2020

19 de maio – "Cloroquina" e "Tubaína" – 17.971 mortes
Bolsonaro fez 1 trocadilho, durante entrevista ao jornalista e blogueiro Magno Martins, ao aconselhar que pessoas identificadas com a direita usem a cloroquina, enquanto os de esquerda devem "tomar tubaína".
2 de junho – "A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo" – 31.199 mortes
Bolsonaro disse a frase após uma apoiadora pedir uma palavra de conforto para as famílias em luto.

Fonte: Poder360 (2022).

Os referidos discursos proferidos pelo ex-presidente Bolsonaro enquadraram-se também na citação de Foucault (1996):

> Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na posição razão e loucura. Desde a alta Idade média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ser que a sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância (...) pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras , estranhos poderes,

> o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (FOUCALT, 1996, p. 10-11).

A citação de Foucault sobre o louco, cujo discurso não pode circular como o dos outros, pode ser relacionada com os discursos da medicina e saúde pública. Vamos analisar como essa relação se manifesta em cada discurso.

No discurso de 19 de maio de 2020, Bolsonaro utiliza um trocadilho irônico, sugerindo que pessoas alinhadas com a direita deveriam usar a cloroquina, enquanto aquelas da esquerda deveriam "tomar tubaína". Essa abordagem pode ser interpretada como uma rejeição do discurso científico responsável em relação à pandemia, uma vez que Bolsonaro aborda a questão do uso de medicamentos de forma política, em vez de se basear em evidências científicas. Isso significa que o discurso médico é desconsiderado e desacreditado, sendo visto como carente de veracidade e importância.

No discurso de 2 de junho de 2020, com um aumento de mortes para 31.199, Bolsonaro responde de forma insensível a uma apoiadora que pede palavras de conforto para as famílias em luto. Nessa declaração, Bolsonaro parece rejeitar a importância de expressar empatia e compaixão pelas vítimas e suas famílias, tratando os óbitos como algo inescapável e sem relevância. Essa atitude pode ser vista como uma negação da gravidade da situação, onde o discurso do ex-presidente não acolhe o sofrimento e a dor de muitos brasileiros, sendo considerado nulo em relação ao cuidado com a vida.

A relação entre a citação de Foucault e o discurso de Bolsonaro pode ser observada na separação do discurso sério e na rejeição do cuidado e empatia para com as vítimas e o impacto da pandemia da COVID-19. Ao tratar a pandemia de forma irônica, minimizar a importância das mortes e rejeitar o impacto do vírus, Bolsonaro afasta-se do discurso responsável e científico que deveria ser adotado para lidar com a crise sanitária no Brasil. Essa rejeição do discurso sério e acolhedor pode ter implicações significativas na resposta do Brasil à pandemia, contribuindo para um aumento exponencial dos casos de óbitos. Deslocando-se para o segundo semestre de 2020, analisaremos agora o discurso do ex-presidente Bolsonaro sob a categoria de análise de oposição do verdadeiro e falso, o que segundo Foucault (2006) será cognominado de vontades de verdades.

Quadro 5 - Discursos negacionistas do ex-presidente sobre a pandemia no 2º semestre de 2020

7 de julho – "É como uma chuva, vai atingir você" – 66.741 mortes Bolsonaro comparou o coronavírus a chuva, ao dizer que uma grande parte da população seria infectada. Deu a declaração durante entrevista que revelou ter testado positivo para covid-19.
10 de novembro – "País de maricas" – 162.829 mortes O presidente Jair Bolsonaro disse que o Brasil tem que deixar de ser 1 país de "maricas" – termo pejorativo para se referir a homossexuais. Na época, o presidente afirmou que a pandemia de coronavírus era superdimensionada. "Geração hoje em dia é Nutella", completou.
17 de dezembro – "Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso" – 184.827 mortes Na ocasião, o presidente voltou a afirmar que é contrário à vacinação obrigatória contra covid-19. Se referindo à vacina da Pfizer, disse que o contrato da farmacêutica é claro na parte em que a empresa não se responsabiliza por possíveis efeitos colaterais causados pelo imunizante. "Se você virar um jacaré, problema de você [sic]. Se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino, eles não vão ter nada a ver com isso. O que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas". afirma

Fonte: Poder360 (2022).

A citação de Foucault, que aborda a vontade de verdade e seu apoio institucional, fornece um arcabouço conceitual valioso para compreender a influência do discurso político. No caso do ex-presidente Bolsonaro, essa influência é evidente em declarações marcantes, tais como as proferidas em 7 de julho (66.741 mortes), 10 de novembro (162.829 mortes) e 17 de dezembro (184.827 mortes).

No discurso proferido em 7 de julho, no qual Bolsonaro comparou o coronavírus a uma chuva que inevitavelmente atingiria a população, é possível identificar elementos que se relacionam com a vontade de verdade de Foucault. Esta comparação, feita durante uma entrevista, na qual o próprio ex-presidente revelou ter testado positivo para a COVID-19, demonstra a influência de Bolsonaro na percepção pública da pandemia. A analogia entre o vírus e uma chuva sugere uma minimização da gravidade do surto. Ao adotar essa metáfora, Bolsonaro, como líder institucional, exerce um poder de coerção sobre a interpretação da verdade sobre a COVID-19. Ao equiparar o vírus a um fenômeno natural passageiro e inevitável, ele molda a visão da população, influenciando-a a considerar a pandemia como algo menos alarmante do que realmente é. Esse tipo de declaração, apoiada por sua posição de autoridade, contribui para a construção de uma narrativa que pode desencorajar a adesão a medidas de controle e precaução.

Ao declarar que o Brasil não deveria ser um "país de maricas", Bolsonaro minimizou a gravidade da pandemia de coronavírus, subestimando sua real dimensão. Nessa vontade de verdade mencionada por Foucault, como líder institucional, Bolsonaro exerceu uma pressão sobre a percepção da verdade em relação à COVID-19. Sua posição de autoridade conferiu-lhe poder de coerção sobre os discursos sociais, influenciando a interpretação da gravidade da crise. Outro exemplo revelador é a declaração em que Bolsonaro desdenhou da vacinação e fez referência jocosa à possibilidade de as pessoas se transformarem em "jacarés" após serem vacinadas. Esse discurso contribuiu para semear dúvidas sobre a segurança da vacinação, desencorajando parte da população a aderir à imunização. Aqui, a vontade de verdade de Bolsonaro, apoiada por seu *status* institucional, influenciou a percepção da verdade sobre a eficácia e segurança das vacinas, criando um ambiente de desconfiança.

A descredibilização das medidas de controle, advogada por Bolsonaro, teve impactos diretos. A população, influenciada por seu discurso, passou a ignorar precauções recomendadas por especialistas e autoridades de saúde. O resultado foi o relaxamento das medidas de distanciamento social e o uso inconsistente de máscaras, contribuindo para a disseminação contínua do vírus. Esse comportamento influenciado pelo discurso presidencial também levou a uma desobediência generalizada das medidas de contenção, o que, por sua vez, exacerbou a propagação do vírus. Os aumentos significativos de casos e mortes por COVID-19 no período de 2020 a 2021 podem, portanto, ser atribuídos, em parte, à influência do discurso de Bolsonaro.

Com efeito, a análise teórica à luz de Foucault revela como o discurso do ex-presidente Bolsonaro exerceu influência nos aumentos de mortes por COVID-19 no Brasil. Sua vontade de verdade, apoiada por sua posição institucional, moldou percepções e comportamentos, enfraquecendo medidas de controle, afetando o comportamento da população e, por conseguinte, contribuindo para a disseminação do vírus.

O primeiro semestre de 2021, assolado ainda pela pandemia da COVID-19, também foi bem conturbado pelos discursos negacionistas de Bolsonaro.

Quadro 6 - Discursos negacionistas do ex-presidente sobre a pandemia no 1º semestre de 2021

5 de janeiro – "O Brasil está quebrado. Eu não consigo fazer nada" – 197.777 mortes

Depois de voltar do recesso em Guarujá (SP), Bolsonaro afirmou que o Brasil está "quebrado" e que "não consegue fazer nada". "Eu queria mexer na tabela do Imposto de Renda, teve esse vírus potencializado pela mídia que nós temos, pela mídia sem caráter que nós temos", completou.

22 de janeiro – "Não está comprovada cientificamente", disse Bolsonaro sobre Coronavac – 215.243 mortes

O presidente Jair Bolsonaro disse que "não há nada comprovado cientificamente sobre essa vacina aí", fazendo referência a Coronavac. O imunizante tem eficácia global de 50,4%, segundo o Instituto Butantan, responsável pela fabricação do imunizante no Brasil.

11 fevereiro de 2021 – "O cara que entra na pilha da vacina é um idiota" – 236.201 mortes

A declaração foi realizada durante transmissão nos perfis das redes sociais de Bolsonaro. "Quando eu falei remédio lá atrás, levei pancada. Nego bateu em mim até não querer mais. Entrou na pilha da vacina", disse. E completou: "O cara que entra na pilha da vacina, só a vacina, é um idiota útil. Nós devemos ter várias opções".

4 de março de 2021 – "Vai comprar vacina. Só se for na casa da sua mãe" – 260.970 mortes

Em conversa com apoiadores em Uberlândia, o presidente criticou a compra de vacinas contra a covid-19 pelo governo federal. Na ocasião, disse que havia editado medidas provisórias para destinar R$ 20 bilhões para compra de vacinas. 4 de março de 2021 – "Chega de frescura e mimi" – 260.970 mortes Durante evento em São Simão (GO), presidente se posicionou contra as medidas de combate a covid. "Temos que enfrentar os nossos problemas. Chega de frescura e de mimi. Vão ficar chorando até quando?", afirmou.

14 de maio de 2021 – "Se falar cloroquina é crime, falar em maconha é legal" – 432.628 mortes

Em conversa com apoiadores, Bolsonaro criticou o projeto de lei 399, ao dizer que falar de cloroquina no Brasil era crime, mas maconha "é legal". O projeto tinha como objetivo aumentar o acesso a medicamentos à base de Cannabis.

17 de maio – "Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa" – 436.537 mortes

A declaração ocorreu em conversa com apoiadores ao se referir a uma manifestação organizada por muralistas no dia 15 de maio de 2021. "O agro realmente não parou. Tem uns idiotas aí, o 'fique em casa' Tem alguns idiotas que até hoje ficam em casa. Se o campo tivesse ficado em casa, esse cara tinha morrido de fome, esse idiota tinha morrido de fome".

9 junho de 2021 – "Nunca vi ninguém morrer por tomar hidroxicloroquina" – 479.515 mortes

O chefe do Executivo defendeu o medicamento, que não tem eficácia comprovada, durante culto evangélico em Anápolis (GO). "A vacina tem comprovação científica ou está em estado experimental ainda? Está [em estado] experimental", completou.

17 junho de 2021 – "Quem pegou o vírus está imunizado" – 496.004 mortes

Em live no seu perfil nas redes sociais, Bolsonaro disse que já se considerava imunizado por ter contraído a covid-19. "Todos que contraíram o vírus estão vacinados, até de forma mais eficaz que a própria vacina, porque você pegou vírus para valer", completou. 25 de junho de 2021 – "Tapetão por tapetão sou mais o meu" – 511.142 mortes Sem dar detalhes do que seria seu "tapetão", Bolsonaro deu a declaração durante evento com empresários em Chapecó (SC) para criticar a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da covid no Senado.

Fonte: Poder360 (2022).

Sobre a categoria de análise disciplina, Foucault (2008) afirma:

> A organização das disciplinas se opõe tanto ao princípio do comentário como ao do autor. [...] Uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor. [...] Em uma disciplina (...) o que é suposto no ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, nem uma identidade que deve ser repetida; é aquilo que é requerido para uma construção de novos enunciados. Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas" (FOUCAULT, 1996, p. 30). A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis (FOUCAULT, 2008, p. 119).

A análise dos discursos de Bolsonaro, à luz da categoria de análise da disciplina estabelecida por Foucault, revela a maneira pela qual o ex-presidente exerceu o poder discursivo para moldar a percepção pública e estabelecer padrões de interpretação durante a pandemia de COVID-19. O discurso de 5 de janeiro, no qual Bolsonaro afirma que o Brasil está "quebrado" e incapaz de agir, ilustra sua capacidade de definir o domínio de objetos ao orientar a compreensão pública sobre a situação econômica. Ele estabelece proposições consideradas verdadeiras ao responsabilizar a mídia pela amplificação do impacto do vírus e desacreditar a capacidade do governo. Através do poder de coerção discursiva, Bolsonaro direciona a interpretação dos eventos de acordo com sua perspectiva, disciplinando a população.

Na declaração de 22 de janeiro, Bolsonaro questiona a eficácia da Coronavac, demonstrando a maneira pela qual ele exerce o poder discursivo para definir um conjunto de métodos e regras. Ao desconsiderar a comprovação científica da vacina, ele influencia a formação de enunciados e molda a percepção pública sobre sua validade. O discurso de 11 de fevereiro, no qual Bolsonaro chama de "idiota útil" quem valoriza a vacinação, ilustra a construção de corpos submissos e exercitados. Ele estabelece uma disciplina na qual a adesão à vacina é desencorajada, moldando comportamentos e atitudes. Através de seu poder de coerção, Bolsonaro influencia a interpretação das ações desejadas pela sociedade.

A declaração de 4 de março, na qual Bolsonaro critica a compra de vacinas e desdenha das medidas de combate à COVID-19, exemplifica sua capacidade de definir um corpus de proposições consideradas verdadeiras. Ele molda a interpretação pública sobre as ações governamentais, influenciando a percepção sobre a resposta à pandemia. Em 14 de maio, ao comparar o tratamento da cloroquina e da maconha, Bolsonaro estabelece um jogo de regras e definições ao direcionar a atenção para certas questões e suprimir outras. Ele influencia a formação de enunciados e a interpretação da discussão sobre medicamentos e substâncias. Essas análises ilustram como Bolsonaro exerceu seu poder discursivo para estabelecer uma disciplina que orienta a compreensão pública da pandemia. Ele molda a percepção, influencia a formação de enunciados e direciona a interpretação dos eventos, criando um

ambiente de conformidade, propenso ao aumento nos números de mortes pela COVID-19, com suas perspectivas e posturas. Essa análise ressalta a importância da reflexão crítica sobre o poder discursivo e como ele pode moldar a compreensão coletiva da verdade e da realidade, em consonância com os conceitos de Foucault.

Análise dos Discursos de Bolsonaro no Segundo Semestre de 2021: Uma Abordagem à Luz da Soberania e Disciplina na *Microfísica do Poder* de Foucault

O discurso negacionista adotado pelo ex-presidente Bolsonaro em relação à pandemia de COVID-19 pode ser compreendido através das lentes das categorias de análises *Soberania e Disciplina* de Foucault (2023), na obra *Microfísica do Poder*. Através dessa perspectiva, é possível examinar como Bolsonaro utilizou seu poder de forma a questionar normas e verdades científicas estabelecidas, enquanto simultaneamente afirma uma espécie de soberania individual em suas ações e declarações.

> Trata-se, ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento.

A citação de Foucault (2023, p. 102) se relaciona com o discurso "Se eu estivesse coordenando a pandemia não teria morrido tanta gente", neste discurso, Bolsonaro desafia a coordenação e as medidas de controle da pandemia, sugerindo que teria feito melhor. Sua afirmação reflete a ideia de captar o poder em suas extremidades, ao questionar o controle das instituições de saúde e introduzir uma narrativa alternativa baseada em sua autoridade individual.

De acordo com Foucault (2023, p. 100), "somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. Isto vale para qualquer sociedade, mas creio que na nossa as relações entre poder, direito e verdade se organizam de uma maneira especial." Essa afirmativa dialoga com o discurso "[Estou] melhor que o pessoal que tomou CoronaVac" ao qual Bolsonaro questiona a eficácia da CoronaVac e afirma sua própria experiência como verdade superior à eficácia comprovada cientificamente. Ele desafia o conhecimento médico e busca impor sua própria versão da verdade sobre a vacina. Bolsonaro desafia a coordenação e as medidas de controle da pandemia, sugerindo que teria feito melhor. Sua afirmação reflete a ideia de captar o poder em suas extremidades, ao questionar o controle das instituições de saúde e introduzir uma narrativa alternativa baseada em sua autoridade individual.

Quadro 7 - Discursos negacionistas do ex-presidente sobre a pandemia no 2º semestre de 2021

24 de julho de 2021 – "Se eu estivesse coordenando a pandemia não teria morrido tanta gente" – 549.448 mortes "O presidente disse a apoiadores que se tivesse coordenado a pandemia da covid, com a adoção do tratamento precoce, o número de vítimas da pandemia seria menor. O tratamento ao qual ele se referia não tem eficácia comprovada cientificamente", disse.
2 de setembro de 2021 – "[Estou] melhor que o pessoal que tomou CoronaVac" – 581.914 mortes Em transmissão ao vivo em seu perfil nas redes sociais, Bolsonaro voltou a criticar a eficácia da CoronaVac. "Falei que meu IgG está 991. Eu estou muito bem, melhor que o pessoal que tomou CoronaVac. Melhor não", afirmou.
8 de setembro de 2021 – "Covid apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas" – 584.421 mortes O presidente Bolsonaro disse, em entrevista aos alemães Vicky Richter e Markus Haintz, ligados à direita radical, que a covid-19 apenas encurtou "por alguns dias ou algumas semanas" a vida das pessoas que tinham comorbidades.
2 de dezembro – "Deixa eu morrer, problema é meu" – 615.179 mortes Em live semanal em seu perfil nas redes sociais, presidente disse que "muita gente de esquerda" desejando a sua morte. "Se quer a minha morte, por que fica querendo exigir que eu tome a vacina?", completou.
7 de dezembro de 2021 – "Quer fechar de novo, porra?", disse sobre a Anvisa – 616.018 mortes O presidente Jair Bolsonaro reclamou durante evento organizado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria) da sugestão de especialistas da área da saúde para implantar o passaporte de vacina nas fronteiras do país. "Estamos trabalhando agora com a Anvisa, que quer fechar o espaço aéreo. De novo, porra? Ah, a ômicron. Vai ter um montão de vírus pela frente, de variantes talvez".
7 de dezembro de 2021 – "Coleira que querem botar no povo brasileiro", disse sobre passaporte vacinal – 616.018 mortes Em evento no Palácio do Planalto, o chefe do Executivo disse que o passaporte da vacina era uma coleira que queriam impor no Brasil. "Cadê nossa liberdade? Prefiro morrer do que perder minha liberdade", afirmou na ocasião.
24 de dezembro de 2021 – "Não tá havendo morte de criança que justifique" – 618.392 mortes Presidente disse que o número de mortes de crianças por covid-19 não justifica a vacinação emergencial contra covid para essa faixa etária, o que ele chamou de "medida emergencial". Na ocasião, ele disse que é o "pai que decide em 1º lugar".

Fonte: Poder360 (2022).

Bolsonaro, ao rejeitar as evidências científicas e minimizar a gravidade da pandemia, desafia a produção convencional da verdade e o conhecimento médico. Como Foucault observa, somos submetidos pelo poder à produção da verdade, mas o presidente parece criar uma narrativa própria que se distancia das verdades científicas e se alinha a um conceito de verdade que emerge de suas próprias crenças e interesses. Essa abordagem nega a autoridade da verdade estabelecida, enfraquecendo as bases do conhecimento científico como uma forma de poder.

Além disso, suas declarações que minimizam as mortes causadas pela COVID-19, como "Covid apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas", mostram como ele se distancia das regras de direito que organizam e delimitam o poder, conforme Foucault (2023) descreve. Bolsonaro pareceu adotar uma postura que buscava afirmar sua própria autoridade sobre a vida e a morte, desconsiderando os efeitos reais da doença sobre as pessoas. Consoante Foucault (2023, p. 105):

> Este novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma da soberania, é o poder disciplinar.

Entendemos que o supracitado se relaciona mais com o discurso "Deixa eu morrer, problema é meu", o qual Bolsonaro reivindica uma forma de soberania individual sobre sua própria vida e morte, destacando seu direito de tomar decisões pessoais em relação à vacinação. Isso se relaciona à ideia de

um novo tipo de poder, não mais ligado à soberania tradicional, mas que incorpora elementos individuais e se alinha à sociedade burguesa, como destacado por Foucault:

> Os desenvolvimentos da medicina, a medicalização geral do comportamento, dos discursos, dos desejos, etc., se dão onde os dois planos heterogêneos da disciplina e da soberania se encontram. Contra as usurpações da mecânica disciplinar, contra a ascensão de um poder ligado ao saber científico, estamos hoje numa situação tal que o único recurso aparentemente sólido que nos resta é exatamente o recurso ou o retorno a um direito organizado em torno da soberania (FOUCAULT, 2023, p. 106).

A citação acima também dialoga com o discurso "Quer fechar de novo, porra?", quando Bolsonaro rejeita a sugestão de especialistas de implantar o passaporte de vacina, questionando a intervenção estatal e buscando afirmar sua liberdade pessoal. Sua afirmação se relaciona ao encontro entre os planos heterogêneos da disciplina e da soberania, na qual a resistência ao controle se manifesta, como aponta o dito de Foucault (2023, p. 106). Já no discurso de "Coleira que querem botar no povo brasileiro", Foucault (2023, p. 104) explica:

> Em vez de orientar a pesquisa sobre o poder no sentido do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos de Estado e das ideologias que o acompanham, deve−se orientá−la para a dominação, os operadores materiais, as formas de sujeição, os usos e as conexões da sujeição pelos sistemas locais e os dispositivos estratégicos.

Assim, Bolsonaro utiliza a metáfora da "coleira" para criticar o passaporte vacinal, desafiando os dispositivos estratégicos de controle e manifestando resistência à dominação percebida sobre o povo. Sua abordagem se alinha com a orientação de Foucault para focar na dominação, nas formas de sujeição e nos dispositivos estratégicos em detrimento da soberania.

Por fim, a afirmação de Bolsonaro de que "Não tá havendo morte de criança que justifique" a vacinação emergencial demonstra sua abordagem de soberania individual sobre a vida e a morte. Ao questionar a necessidade de medidas de saúde pública com base em sua própria opinião pessoal, ele se distancia da governança coletiva e se aproxima da noção de soberania que Foucault argumenta estar em conflito com os mecanismos disciplinares.

Com efeito, a análise dos discursos negacionistas de Bolsonaro à luz das categorias de análises *Soberania e Disciplina* revelam como ele exerce seu poder ao desafiar as verdades científicas, afirmar uma autoridade individualista e questionar a necessidade de medidas de controle coletivo. Essa abordagem distorce a produção da verdade médica e desafia as estruturas de governança tradicionais, incorporando elementos tanto de soberania quanto de disciplina em suas ações e declarações relacionadas à pandemia.

A influência do discurso de Bolsonaro na necropolítica: uma análise a partir de Achille Mbembe

Nesta subseção, exploraremos a perspectiva teórica de Achille Mbembe em relação ao conceito de necropolítica e sua aplicação ao discurso do ex-presidente Bolsonaro. Mbembe (2018) aborda a necropolítica como uma forma de exercício do poder que não apenas controla a vida, mas também regula a morte de certos grupos ou populações. Considerando o contexto do discurso presidencial de Bolsonaro, analisaremos como suas declarações podem ter contribuído para a promoção de uma política de morte, influenciando o tratamento da pandemia de COVID-19 no Brasil. Assim:

> Tratarei agora da soberania, expressa predominantemente como o direito de matar. [...] Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo. [...] Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. [...] Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. [...] Segundo Foucault, essa é a condição para a aceitabilidade do fazer morrer. [...] O Estado nazi foi o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar. [...] Por uma extrapolação biológica do tema do inimigo político, organizando a guerra contra os seus adversários e, ao mesmo tempo, expondo seus próprios cidadãos à guerra, o Estado nazi é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar. [...] A raça é, mais uma vez, crucial para esse encadeamento [concatenação entre o biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio]. [...] As colônias não são organizadas de forma estatal e não criaram um mundo humano. Seus exércitos não formam uma entidade distinta, e suas guerras não são guerras entre exércitos regulares (MBEMBE, 2018, p. 7-24).

Esses trechos destacam a relação entre o poder de decisão sobre a vida e a morte (soberania) e a forma como o biopoder é exercido para estabelecer divisões entre diferentes grupos da população, levando em conta a questão racial e a concepção do outro como um inimigo a ser combatido. Esses conceitos podem ser relacionados à forma como o discurso do ex-presidente Bolsonaro pode ter influenciado o tratamento da pandemia de COVID-19, a distribuição de recursos e a divisão da população em relação a medidas preventivas e de saúde pública. Consoante Silva (2022, p. 75), no capítulo da sua obra *Bolsonaro, o negacionismo e a vacina*, explora a interseção entre poder, discurso e morte em contextos políticos, como Mbembe (2018) também demonstra. Ambos os autores tratam das consequências da manipulação do poder e do discurso por líderes políticos, que podem levar a um aumento significativo das mortes em uma sociedade.

Enquanto Mbembe aborda a ideia de soberania como o direito de matar e como o poder muitas vezes apela para a exceção e cria inimigos fictícios para justificar a morte, Silva (2022) relaciona esses conceitos com a política de negação da pandemia da COVID-19 pelo ex-Presidente Bolsonaro. Silva argumenta que o discurso negacionista de Bolsonaro, com sua política de "deixar morrer", desempenhou um papel crucial no aumento das mortes durante a pandemia no Brasil.

Ambos os autores, portanto, destacam como o poder e o discurso político podem influenciar diretamente a mortalidade em uma sociedade, seja através da soberania estatal que Mbembe discute ou da negligência e manipulação discursiva por líderes políticos, conforme observado por Silva (2022). Isso ressalta a importância de entender as interconexões entre poder, discurso e saúde pública em contextos de crise, como a pandemia da COVID-19, como abordado no presente estudo.

Além disso, os fragmentos citados abordam o estado de exceção e a violência colonial, que podem ser relevantes para compreender a forma como políticas específicas foram implementadas durante a pandemia e como o discurso e as ações do presidente podem ter contribuído para essas situações.

> Em minha argumentação, relaciono a noção de biopoder de Foucault a dois outros conceitos: o estado de exceção e o estado de sítio. [...] Em outras palavras, a questão é: qual é, nesses sistemas, a relação entre política e morte que só pode funcionar em um estado de emergência? (MBEMBE, 2018, p. 7-24).

Mbembe menciona a relação entre o biopoder, estado de exceção e estado de sítio, destacando a política de morte que opera em situações de emergência. Esse fragmento pode ajudar a fundamentar como o discurso de Bolsonaro, ao minimizar a gravidade da pandemia e se recusar a implementar medidas efetivas de combate à COVID-19, pode ter influenciado uma política de morte ao permitir o aumento de óbitos em larga escala.

> A questão da relação entre política e morte está ligada ao racismo como uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, 'este velho direito soberano de matar'. [...] a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado (MBEMBE, 2018, p. 7-24).

Neste trecho, Mbembe destaca o papel do racismo como uma tecnologia para o exercício do biopoder, permitindo a distribuição seletiva de morte e o funcionamento das ações letais do Estado. Isso pode ser aplicado à análise do discurso do presidente Bolsonaro, que, ao desvalorizar a gravidade da pandemia e tomar decisões políticas que afetaram desproporcionalmente comunidades marginalizadas e minorias, pode ter contribuído para aumentar o número de óbitos entre esses grupos.

"A fusão completa de guerra e política [...] é algo exclusivo ao Estado nazista [...] A percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida [...] é um dos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade". Mbembe (2018, p. 7 a 24) menciona a fusão de guerra e política, uma característica associada ao Estado nazista, mas que também está presente em outras épocas. Isso pode ser relevante para entender como o discurso do presidente Bolsonaro, ao tratar a pandemia como uma guerra e os adversários políticos como inimigos, pode ter contribuído para

um aumento significativo de óbitos de COVID-19, pois essa fusão pode levar a decisões políticas que priorizam o interesse próprio em detrimento da proteção da vida da população.

"Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão [...] a estrutura do sistema de plantation e suas consequências manifesta a figura emblemática e paradoxal do estado de exceção." Diante da afirmativa, autor aborda a escravidão como uma forma de terror moderno que pode estar ligada ao estado de exceção. Isso pode ser relevante para analisar como a política de enfrentamento à pandemia adotada pelo presidente Bolsonaro pode ter produzido consequências paradoxais, onde as medidas governamentais podem ter gerado uma situação de exceção em que a vida de certos grupos foi mais sacrificada do que em outros (MBEMBE, 2018, p. 7-24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo convergem para uma assertiva central: o discurso negacionista proferido pelo ex-Presidente Bolsonaro, com sua política de morte (MBEMBE, 2018) ou deixar morrer (FOUCAULT, 2008), desempenhou um papel crucial como uma variante influenciadora no expressivo quantitativo de mortes durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. Ao explorarmos em profundidade a intersecção entre esse discurso e os desdobramentos epidemiológicos, tornou-se evidente que as ações discursivas do líder político desempenharam um papel significativo na dinâmica da disseminação do vírus e nas consequentes fatalidades. Além disso, inserimos aqui o discurso negacionista, manipulador, torpe, equivocado de um chefe de estado como uma variável epidemiológica de doenças infectocontagiosas, seja no contexto de uma endemia, epidemia ou em uma pandemia. Assim, embasados nos estudos de Dospital, Arancibia-Avila, Araneda-Flores (2023) e Medina-Alfonso; Forero-Pulido, Suescún-Carrero (2020), Silva Belone *et al*., (2023), Von-Barten *et al*., (2023) e Rabelo, Soares, Torigoe (2023), Macedo Júnior *et al*., (2020; 2021) acrescentamos essa variável como *tese*.

A trajetória analítica deste estudo nos levou a percorrer os caminhos teóricos de renomados autores, cujas obras se revelaram fundamentais para a compreensão dos mecanismos subjacentes à relação entre o poder, o discurso e a condução das políticas públicas durante a pandemia. Michel Foucault, em suas obras *A ordem do discurso*, *A arqueologia do Saber* e *Microfísica do poder*, proporcionou uma lente interpretativa que nos permitiu vislumbrar a forma como o poder se manifesta através do discurso e da manipulação das instituições, bem como como as estratégias de controle podem ser acionadas em contextos complexos e interconectados.

Ao incorporarmos as perspectivas de Achille Mbembe e sua obra *Necropolítica*, expandimos nossa análise para compreender como as práticas de poder podem estar intrinsecamente ligadas à

administração da morte e à produção de corpos descartáveis. Nesse sentido, os discursos negacionistas, ao minimizarem os impactos da pandemia e desestimularem medidas de prevenções, podem ser compreendidos como táticas que fomentaram contextos propícios para o avanço da necropolítica, favorecendo indiretamente a disseminação do vírus e, consequentemente, contribuindo para o aumento das mortes.

A média móvel de óbitos, cuidadosamente analisada nos gráficos 1, 2 e 3, referentes ao primeiro semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2021, ressalta a correlação entre os momentos em que os discursos negacionistas foram proferidos pelo presidente e os picos subsequentes nas médias de mortes. Essa constatação robustece a argumentação de que os discursos influenciaram de maneira acentuada a dinâmica da pandemia, moldando o comportamento da população e minando os esforços de controle e prevenção.

Diante dessa complexa teia de interações entre poder, discurso e práticas necropolíticas, a presente pesquisa sustenta, de forma inequívoca, a tese de que os discursos negacionistas do Presidente Bolsonaro foram um fator substancial na escalada das taxas de mortalidade durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. A manipulação das instituições públicas e o condicionamento do comportamento da população, através de estratégias discursivas, convergiram para um cenário que exacerbou as consequências da crise sanitária. A conjugação das análises teóricas de Foucault e Mbembe com os dados empíricos colhidos nos gráficos 1, 2 e 3 permite sustentar essa conclusão de forma sólida e embasada.

Em síntese, este estudo oferece uma contribuição crucial para a compreensão das interconexões entre discurso, poder e saúde pública em contextos de crise. Aprofundar-se nesse entendimento é vital para fomentar debates informados sobre a responsabilidade das lideranças políticas na gestão de crises de saúde pública e na mitigação de suas consequências devastadoras. Diante das lições extraídas desta análise, é imperativo refletir sobre as implicações mais amplas no que tange à ética e à responsabilidade dos agentes políticos no enfrentamento de crises que afetam de forma tão abrangente a sociedade como um todo.

REFERÊNCIA

ABRANTES, V. V. “Brasil e Costa Rica no combate a pandemia de covid-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 8, 2020.

AZEVEDO, S. D. R. “Formação discursiva e discurso em Michel Foucault”. **Revistas Eletrônicas Filogenese**, vol. 6, n. 2, 2013.

BAREMBLITT, G. F. “Diez proposiciones descartables acerca del esquizodrama”. **Institute Gregorio Baremblitt** [2002]. Disponível em: <www.institutogregoriobaremblitt.wordpress.com>. Acesso em: 23/08/2023.

BELONE, J. C S. *et al*. “Perfil epidemiológico e tendência da mortalidade materna no estado de Pernambuco”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

BRASIL. **Coronavírus**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <www.saude.gov.br>. Acessado em: 23/08/2023.

BRASIL. **COVID19**: Painel Coronavírus. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <www.saude.gov.br>. Acessado em: 23/08/2023.

CABRUJA, I. *et al*. “Cómo construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad”. **Anàlisi: Quaderns de Comunicació i Cultura**, n. 25, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: 34, 1995.

DOSPITAL, C.; ARANCIBIA-AVILA, P.; ARANEDA-FLORES, J. “Perfil epidemiológico do Hantavirus na região Ñuble período 2002-2018, Chile”. **Brazilian Journal of Biology**, vol. 84, 2023.

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.

FISCHER, R. M. B. “Foucault e a análise do discurso em educação”. **Cadernos de pesquisa**, n. 114, 2001.

FOUCAULT, M. “O sujeito e o Poder”. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**: Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. “Os intelectuais e o poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze”. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

HUR, D. U.; CAMESELLE, J. M. S.; ALZATE, M. “Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Revista Psicologia Política**, vol. 21, n. 51, 2021.

ÍÑIGUEZ R. L. **Análisis del discurso**: manual para las ciencias sociales. Barcelona: Editorial UOC, 2012.

MACEDO JÚNIOR, A. M. “Covid-19: calamidade pública”. **Medicus**, vol. 2, n. 1, 2020.

MACÊDO JÚNIOR, A. M. *et al*. "Prevalência da COVID-19 na população do Estado do Rio Grande do Norte em 2020: aspectos relacionados à faixa etária e comorbidades". **O Mundo da Saúde**, vol. 45, 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: Editora N-1, 2018.

MEDINA-ALFONSO, M. I.; FORERO-PULIDO, S. M.; SUESCÚN-CARRERO, S. H. "Prevalencia de marcadores serológicos en donantes de sangre de Boyacá, Colombia, 2014-2015". **Revista Cubana de Salud Pública**, vol. 46, 2020.

MÜNCHOW, C. Z. "Bolsonaro e a paranoia anti-homossexual". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 8, 2020.

NASCIMENTO, F. L.; PACHECO, A. E. S. D. "Sistema de saúde público no Brasil e a pandemia do novo coronavírus". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

OLIVEIRA, A. N.; CASTRO, J.; SANTOS, Luiz Cezar Silva dos. "charges um documento visual ácido: uma análise crítica do discurso das falas do presidente Jair Bolsonaro e a covid-19". **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, vol. 28, 2023.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. "Histórico da pandemia de COVID-19". **OPAS** [2023]. Disponível em: <www.paho.org>. Acessado em: 25/08/2023.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

QUEIROZ, V. "2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia". **Poder 360** [2022]. Disponível em: <www.poder360.com>. Acessado em: 24/08/2023.

RABELO, I. A.; SOARES, M. C.; TORIGOE, A. M. S. "Perfil de pacientes tratados com antiangiogênicos intravítreo em serviço público brasileiro de alto nível de complexidade". **Arquivos Brasileiros de Oftalmologia** [2023]. Disponível em: <www.aboonline.org.br>. Acessado em: 25/08/2023.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SILVA, G. F.; MACHADO JÚNIOR, S. S. "O discurso em Michel Foucault". **Revista Eletrônica História em Reflexão**, vOL. 8, n. 16, 2014.

SILVA, M. G. "Bolsonaro e as mentiras sobre o coronavírus". *In*: SILVA, M. G. **Governo Bolsonaro**: **Ideologia, Política e Luta de Classes**. Boa Vista: Editora IOLE, 2022.

SILVA, M. G. "Bolsonaro, o negacionismo e a vacina". *In*: SILVA, M. G. **Governo Bolsonaro**: **Ideologia, Política e Luta de Classes**. Boa Vista: Editora IOLE, 2022.

SILVEIRA, R. A. **Michel Foucault**: poder e análise das organizações. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VON-BARTEN, L. C. *et al*. "Influência da pandemia da COVID-19 no perfil epidemiológico do atendimento inicial de pacientes vítimas de quedas". **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, vol. 50, 2023.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 15 | Nº 45| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima